The Gift of
The Associates of
The John Carter Brown Library

05-85

42

NA LAMENTAVEL MORTE

DO

SERENISSIMO SENHOR

D. JOSÉ,

PRINCIPE DO BRAZIL.

JOZINO

EGLOGA DEPLORATORIA

POR

ANTONIO JOAQUIM DE CARVALHO.

LISBOA,

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.

ANNO M. DCC. LXXXVIII.

Com licença da Real Meza da Commissão Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

JOZINO.

EGLOGA.

Portelio. *Arlino.*

Portelio.

QUE triſtes vozes ouço além da ponte,
A quem por compaixão reſponde o monte!
Ouço a voz, alço a viſta, e ninguem vejo!
Por entre aquelles chopos junto ao Téjo
Vem hum Paſtor tão triſte, e vagaroſo,
Como quem penſa em caſo laſtimoſo.
Parece Arlino: he, ſim, conheço agora:
Lá ergue as mãos ao Ceo: lá pára, e chóra.
Oh Ceos! que ſerá iſto! Eu vou buſcallo:
Se algum trabalho tem, quero adoçallo.

Arlino.

Oh ſetta! Oh dor! Oh morte rigoroſa!
Tira-me a vida já, ſerás piedoſa.

Portelio.

Ah! que efcuto! Elle pede ao Ceo a morte!
Ou louco eftá, ou tem paixão mui forte.
Elle para cá vem pelo trilhado:
O paffo apreffarei, falto o valado.

Arlino.

Oh Ceo Piedofo! Oh Santa Providencia!
Ou valei-me, ou matai-me por clemencia.

Portelio.

Que he ifto, Arlino? De te ver m'efpanto!
Tu fuffocado em amargofo pranto,
Chamando a dura morte! Oh que delirio!
Conta-me a caufa deffe teu martyrio.
Tu tremes! Tu foluças! Não refpondes!
Moftras-me o fruto, e a raiz efcondes!
Fugio-te alguma vaca, algum cordeiro?
Ou fez-te eftrago o lobo carniceiro?
Dize o que foi por prova de amizade:
Sim, que tens? Dize, dize por piedade.

Arlino.

Se eu me víra nas mãos de hum lobo irado,
Não poderia fer mais defgraçado.

PORTELIO.

Que aguda ſetta o coração te paſſa,
Que não menos me fere? Oh que deſgraça!

ARLINO.

Perdemos .... juſtos Ceos! Nem fallar poſſo!
Perdemos de huma vez todo o bem noſſo.
Ah! que até ſe me eſconde a luz do dia!
A lingua ſe me ſécca, o ſangue esfria!

PORTELIO.

Perdemos todo o bem! Acaba, amigo;
Aſſim clemente ſeja o Ceo comtigo.

ARLINO.

Morreo.. mas ah! que eu ſinto.. (oh q̃ tormento!)
A falla preza, ſuffocado o alento.
Morreo... antes morrêra o triſte Arlino:
Morreo noſſo bom Pai; morreo Jozino.

PORTELIO.

Morreo Jozino, a gloria dos humanos;
O melhor dos Paſtores Luſitanos!

Arlino.

O noſſo Maioral, o noſſo Amigo,
O noſſo amante Pai, o noſſo abrigo,
Tudo acabou n'um dia: Oh triſte dia!
Tudo a morte levou: Oh morte impía!

Portelio.

Deſgraçados de nós! Ah! que faremos
Os filhos orfãos, que o bom Pai perdemos!
Andaremos, qual miſero innocente
Perdido, ſó, chorando, e ſem ver gente.
Andaremos vagando pelos montes,
Soffrendo a ſede, ſem chegar ás fontes.
Deixaremos rebanhos ſem verdura:
Vinhas ſem póda, terras ſem cultura:
Veremos vir o lobo ſanguinoſo
Matar-nos o novilho mais formoſo.
Que o gado fuja, ou morra pouco importa:
Seremos vivos, como gente morta.

Recorda, Arlino, ha vinte e ſete Agoſtos,
Que dia o Ceo nos deo de immenſos goſtos;
O feliz dia, dia ſem ſegundo,
Em que o Ceo nos mandou Jozino ao mundo;
O dia tão preciſo, o ſanto dia
Bem capaz de matar-nos de alegria.
Quem antes não gozára prazer tanto
Para agora o pagar com mágoa, e pranto!

45

Ver Jozino, e perdello, melhor fora
Nunca lograllo, que perdello agora.
Oh ſorte falſa, deshumana ſorte,
Que nos moſtraſte a vida, e déſte a morte!

Arlino.

Ah Portelio! Roubou-nos o Deſtino
Metade d'alma com o bom Jozino;
Porque o vio bom, porque nos vio malignos,
Elle digno do Ceo, nós delle indignos.
Com razão chorar deve a Luſa gente
Hum Maioral, que foi do Ceo preſente;
Hum Paſtor, que era todo o ſeu empenho
Eſtudar em reger bem ſeu rebanho:
Vendo as acções chriſtans dos ſeus Maiores,
Lendo exemplos de antigos bons Paſtores:
De huns, e de outros bebendo a larga Hiſtoria
Para algum dia ſer da Liſia a gloria.
Oh gloria noſſa em lagrimas tornada!
Doce eſperança em cinzas ſepultada!
Eſte ſabio Paſtor, eſte prudente
Diſtinguia, abraçava a ſabia gente:
Se eſtima hum ignorante, outro ignorante,
O Sabio eſtima o que he ſeu ſemelhante.
Eſte grande Paſtor incomparavel,
Quanto ſe fez de todo o povo amavel!
Naquelle peito, centro de piedade,
Não pôde entrar o vicio: a caridade

Nelle brilhava, dando luz tão pura,
Qual accezo farol em noite eſcura.
Pobres Barqueiros, pobres Lavradores,
Triſtes Zagalos, miſeros Paſtores
Corrião deſta Aldea, e lá do monte
A Jozino, qual cervo corre á fonte:
Quantos chegavão áquelle Homem raro,
Todos achavão terno Pai, e amparo.
Os Póvos fallão, clamão todos juntos,
Que nem a hum ſó fez mal, mas bem a muitos:
Por iſſo ha de o ſeu Nome ſer beijado
Nos altos cedros, onde eſtá gravado;
E aquelles troncos, com geral eſpanto,
Serão regados de inceſſante pranto.

Ah Portelio! Se viſſes a Cidade,
Como eu vi: com que dor, com que ſaudade
Eu via o velho, o moço, o humilde, o nobre,
A viuva, a donzella, o rico, o pobre,
Hum triſte, outro paſmado, outro chorando,
Outro cruzando as mãos, ao Ceo clamando!
Todos de negro luto ſe veſtião,
Todos de anguſtia os corações cubrião:
Em termos de levallos a agonia
A acompanhar Jozino á terra fria.

Outra ſcena. Que objecto laſtimoſo
Eu vi na margem deſſe Téjo ondoſo!

Os

Os Pescadores, que gemer me ouvírão,
Ao som dos meus gemidos me acudírão;
Correndo atrás dos tristes Pescadores
Ternas Serranas, pállidos Pastores;
E alguns, que ao longe o alvoroço vião,
Vendo os outros correr, tambem corrião.
Logo em torno de mim todos se ajuntão;
Todos a causa do meu mal perguntão.
Eu lhes respondo com razões truncadas;
Razões entre soluços suffocadas:
Morreo... Oh Santo Ceo! Dai-me conforto!
O Pai da Patria, o bom Jozino he morto.
Então.... que triste objecto de ternura!
A feia, tormentosa noite escura,
De medonhos trovões, coriscos, raios,
Não gera mais terror, pranto, e desmaios.
Tornão-se os rostos em correntes fontes:
Soltão-se afflictos ais: ferem-se os montes:
Ao pranto, aos ais abala-se o rochedo,
Fica o Téjo a tremer de susto, e medo.
Huma chora, outra grita, outra esmorece:
Esta delira, aquella desfalece:
Huma a morte cruel chama, e desmaia:
Traslada o pranto na arenosa praia.
Outra os cabellos sobre o rosto lança,
Outra córta as prizões de amor na trança:
Dizendo ao desengano, e á saudade:
Morrão prizões de amor, morra a vaidade.

A Mãi, que ao peito o filho alimentava,
C' o pranto que vertia o ſuffocava;
E os maiores, que as triſtes Mãis cercavão,
Vendo chorar as Mãis, tambem choravão.

Hum, que a rede com peixe então colhia,
Paſma, e das mãos a rede lhe cahia.
Outro o Batel prendia, e de repente
D'elle ſe eſquece, leva-lho a corrente;
Exclamando, depois de hum pouco mudo:
Perdi Jozino, perder quero tudo.
Hum quebra as cordas da ſuave lira:
Outro c'o a fina flauta ao Téjo atira:
Dizendo a ſoluçar: Vão, vão-ſe os goſtos,
Baſta que fiquem os mortaes deſgoſtos.
Outro clama: Não mais louros floreção:
Os louros ſequem, os cypreſtes creſção;
E eſſes campos, que davão flores bellas,
Para tecer grinaldas, e capellas,
Regados com as fontes dos meus olhos,
Em vez de flores, ſó nos dem abrolhos.

Em fim, tudo clamores, e alaridos:
Além agudos ais, ternos gemidos,
Taes que magoado o placido ribeiro,
Que vai lavando os pés daquelle oiteiro,
Por não ouvir as vozes d'agonia,
Mais apreſſado para o mar fugia.

Os tenros gados, que no valle andavão,
Vendo os donos chorar, triſtes paſmavão.
Até as tenras aves, que nos vião,
Humas piavão, outras ſe eſcondião.
Nem já ſe ouvem ſenão pelas ribeiras
Nocturnas aves, aves agoureiras.
Tudo mudou de natureza agora:
Negro parece o Ceo, pállida a Aurora.

PORTELIO.

Se na Cidade, e campo, meu Arlino,
He tão chorada a morte de Jozino,
Quaes ſerião as lagrimas ardentes
Da terna Mãi, do Irmão, dos bons Parentes!
E qual ſería a dor; a nova morte
D'amante Eſpoſa ſem tão bom Conſorte!
Aquella ſolitaria Eſpoſa, e Tia,
Que logo que elle vio a luz do dia,
Nas faces o beijou, e nos ſeus braços
Apertando-o, teceo de amor os laços;
Os laços, que ao depois mais ſe apertárão;
E hoje nas mãos da morte ſe quebrárão!

ARLINO.

Ah! Nem recordar poſſo a triſte mágoa,
Sem que ſe arrazem os meus olhos de agua!

Pa-

Parece que eftou vendo os dous Efpofos,
Ambos afflictos, ambos lacrimofos:
Hum morrendo nas mãos da enfermidade;
Outro morrendo aos golpes da faudade.
Jozino geme: já Marilia acode:
Elle a quer confolar, fallar não póde:
Levanta os mortaes olhos já turbados
Para os da Efpofa em lagrimas banhados:
Convulfo a mão lhe aperta: então fufpira:
Dá-lhe o ultimo a Deos, ella delira:
Ella lhe beija a mão: em pranto a lava:
Ah meu querido Efpofo! Ella clamava:
Se he poffivel trocar comvofco a forte,
Efta vida acceitai: dai-me efla morte.
Ah! Não me refpondeis? Oh Ceos! Deliro.
Elle refponde c'o final fufpiro.
Affim vai aquella Alma venturofa
Ao Ceo rogar o bem d'afflicta Efpofa.

Então que dor! Que anguftia! Que tormento!
Que novo, defufado fentimento
Em Marilia fe vio! Que eftranha mágoa
Desfez feu coração em rios de agua!
Delirante, com vozes balbucientes,
Diz: Dai-me o meu Efpofo, ó Ceos clementes;
Ou me levai com elle, por piedade:
He meu: quero feguillo á Eternidade.
A morte chama, em fuas mãos fe entrega:
Já rouca de clamar, de chorar cega:

Er-

48

Ergue os olhos ao Ceo, as mãos cruzando;
Convulſa cahe ſobre o peito brando.
Talvez ſe os tigres, ſe os leões a viſſem,
Quaes manſas pombas, o ſeu mal ſentiſſem.
Ah! Deixa que em Marilia mais não falle,
Antes que a mágoa o coração m'eſtalle.

PORTELIO.

Ah Marilia! Paſtora inconſolavel,
A mais docil, mais pia, a mais amavel,
A tua chaga he mais mortal que a noſſa:
Não ha no mundo quem curalla poſſa.
Nós ſe hum bom Pai, e bom Paſtor perdemos,
Outro bom Pai, e bom Paſtor teremos:
Das Pombas naſcem Pombos: os Cordeiros
Nunca gerárão lobos carniceiros.
Mas tu perdes de todo o caro Eſpoſo,
Gentil, ſabio, diſcreto, e tão piedoſo:
Tu no ſentir a todo o Povo eſpantas:
Elle morre huma vez, tu morres tantas.
Mas onde eſtá, Paſtora, o bom juizo,
De que o Ceo te dotou? Vê, que he preciſo
Cumprir a Santa Lei, que ao Filho ordena,
Que do Pai primitivo pague a pena.
Em fim, para adoçar-te ſó baſtava,
Que o Ceo Jozino para ſi criava;
Levou-o, porque he ſeu; e eſta ventura
He que póde adoçar eſſa amargura.

Na

05-86

Na sã conformidade ... mas que penso !
Como intento vencer-te , e não me venço !
Limpo-te o pranto , e nelle então me lavo !
Tiro-te a setta , e no meu peito a cravo !
Ah Jozino ! Do amor que te devemos
Toma por paga o pranto que vertemos ;
E do Monte dourado onde subiste ,
Chama , Pastor , o teu rebanho triste.

Arlino.

Nossas lagrimas , d'alma bem nascidas ,
Não fiquem pelos campos esparsidas :
Vamos banhar com ellas o jazigo
Do nosso amante Pai , do nosso abrigo.

Portelio.

Sim , vamos abraçar o cofre triste ,
Onde o melhor dos Maioraes assiste.
Ah ! Quem pudéra ainda reverente
Beijar-lhe a fria mão , a mão clemente ,
Aquella mão , que sempre aberta estava
Para o pranto enxugar de quem chorava.

Arlino.

Vamos vestir-nos de perpetuo luto :
Vamos pagar-lhe este final triburo.

F I M.

GEMIDOS DA TRISTEZA
NA
LAMENTAVEL PERDA DE S. A. R.
O SENHOR D. JOSE'
PRINCIPE DO BRAZIL,
FALECIDO EM 11 DE SETEMBRO DE 1788.

Com incomparavel mágoa do Reino de Portugal,

DEDICADOS

AO ILLUSTRISSIMO SENHOR

DIOGO IGNACIO DE PINA MANIQUE

idalgo da Caſa de Sua Mageſtade, do ſeu Conſelho, e ſeu Deſembargador do Paço, Intendente Geral da Policia da Corte e Reino, Adminiſtrador Geral da Alfandega Maior deſta Cidade de Lisboa, e Feitor Mór das mais do Reino, &c.

POR

OSE' DANIEL RODRIGUES COSTA.

Para teu deſengano o mais profundo
Repara em mim que ſou Mappa do Mundo.

LISBOA:

a Officina de Simão Thaddeo Ferreira. 1788.

Com Licença da Real Meza da Commiſsão Geral ſobre o Exame e Cenſura dos livros.

C788
5255d